

Revista *Veja* e Relatório Hite: algumas considerações

Veja Magazine and Hite Report: some considerations

Cintia Lima Crescêncio
Mestranda, PPGH–UFSC
cintialima23@gmail.com

Resumo: O objetivo do presente artigo é refletir sobre a repercussão da publicação da obra *O Relatório Hite sobre a sexualidade feminina* de autoria da feminista Shere Hite no Brasil em 1978, 2 anos após sua publicação no seu país de origem, Estados Unidos. O livro é tributário de levantamentos que se dedicam há décadas a compreender a sexualidade humana a partir de pesquisas quantitativas. Para essa análise são exploradas edições da revista *Veja* que em um período conturbado da história brasileira, de definição sobre a censura, dedicou páginas a divulgar o trabalho da referida autora.

Palavras-chave: sexualidade, pesquisas quantitativas, revista *Veja*.

Abstract: The objective of the present paper is to reflect about the repercussion of the publication of the work “The Hite Report on Female Sexuality” authored by the feminist Shere Hite in Brazil in 1978, 2 years after its publication in her country of origin, the United States. The book is a tributary of surveys that are dedicated for decades to comprehend the human sexuality from quantitative research. For this analysis, issues of the Veja magazine were explored, that in a troubled period of the Brazilian history, during the definition about the censorship, dedicated pages to publicize the work of that author.

Keywords: sexuality, quantitative research, Veja magazine.

Os relatórios sobre sexualidade humana vem demarcando territórios quantitativos que abrem possibilidades de pesquisa para pesquisadoras e pesquisadores que objetivam compreender um pouco mais sobre o tema. Conforme Michel Bozon (2009, p. 157), Alfred Kinsey, frequentemente considerado o pioneiro nas investigações quantitativas sobre sexualidade, mesmo diante das críticas por não ter tido um viés construcionista, em função de sua própria formação, abriu caminhos, até em vista da repercussão que seu trabalho obteve. Nesse sentido, um número respeitável de investigadoras e investigadores aventuraram-se nas pesquisas sobre sexualidade.

Shere Hite foi uma destas pesquisadoras que buscou compreender a sexualidade humana, no entanto, com um recorte muito específico, o das mulheres, atingindo grande número de países com seu relatório sobre a sexualidade feminina durante a década de 1970.

Shere Hite buscou com a aplicação de milhares de questionários explicar e entender a sexualidade de mulheres americanas. Apesar de sua localização geográfica, a obra teve repercussão também no Brasil, o que é demonstrado por entrevista realizada por Judith Patarra em nome da revista *Veja* em 24 de maio de 1978, 2 anos depois de sua publicação nos Estados Unidos.

Diante dessa breve exposição destaco que o objetivo do presente texto é refletir sobre a repercussão da publicação do livro *O relatório Hite sobre sexualidade feminina* no Brasil no início de 1978, pela editora Difel, a partir das páginas da revista *Veja*, utilizando como fontes 4 edições da revista que contemplaram a pesquisa de Shere Hite, as edições 507, 509, 511 e 520 que, respectivamente, trazem: uma entrevista com Shere Hite; cartas de leitores comentando as impressões sobre a entrevista; a questão literária, em função do livro estar na lista dos mais vendidos; a denúncia da apreensão do livro, por ter sido considerado pornográfico.

Saliento a especificidade do contexto brasileiro neste momento, visto que o país estava saindo de uma ditadura e ingressando em um cenário de redemocratização. Entretanto, acredito que o cenário que deva ser marcado como pano de fundo com a divulgação do relatório Hite no Brasil é o desenvolvimento do feminismo brasileiro, muitas vezes apontado como filho do feminismo francês e americano, mas que, por aqui, adquiriu formas muito singulares, em função dos espaços de atuação ao qual esteve articulado.

De acordo com Céli Regina Jardim Pinto (2003, p. 65), mulheres exiladas em países com um feminismo já efervescente, ao retornarem ao Brasil ao longo da década de 1970, encontravam um país dominado por uma ditadura, em que as frestas de expressão eram escassas e, ainda, em que a luta pela democratização era considerada o cerne, enquanto qualquer outra seria considerada um desvio pequeno-burguês, o que seria o caso do feminismo. Mesmo que devamos relativizar a marcação do feminismo brasileiro como puro reflexo dos acontecimentos que se desenrolaram em outros países, como no caso da França e dos Estados Unidos, como o faz a historiadora Joana Maria Pedro (2008, p. 62), é importante destacar a relação do feminismo brasileiro com a chamada segunda onda feminista¹ e, também, com o cenário de opressão e luta contra a ditadura.

¹A história do feminismo é habitualmente dividida em duas ondas: a primeira seria a do final do século XIX e início do século XX e se caracteriza pela reivindicação das mulheres de votarem e serem votadas; a segunda é um acontecimento do final da década de 1960 e começo da década de 1970 e está aliada à emergência da contracultura, com reivindicações no que se refere à sexualidade e saúde, formação profissional e mercado de trabalho (ALVES & PITANGUY, 2006).

É nessa articulação que a publicação do Relatório Hite deve ser pensada, visto que, ao chegar aos leitores e leitoras do Brasil, o livro que traz a descrição pormenorizada da sexualidade das americanas, em teoria, encontrava um país que já estava livrando-se das amarras da censura e, ainda, não podemos esquecer, amadurecendo a criação de um feminismo com caráter “local”. É destacável ainda o contato com idéias feministas, muitas delas, inclusive, propagadas e divulgadas pela revista *Veja* durante o período da ditadura civil-militar.

Nesse sentido, a publicação do relatório no Brasil e a cobertura realizada pela *Veja* denunciam exatamente esse contexto imediato e amplo, isto é: demarca o debate feminista no Brasil, visto que a entrevista realizada com Shere Hite² para falar sobre sua pesquisa salienta o seu envolvimento com o feminismo; e denuncia a dificuldade de livrar-se das amarras da censura, visto que, mesmo diante da abertura política, o livro é censurado depois de permanecer meses no topo da lista dos mais vendidos, por ser considerado pornográfico. A partir disso, ressalto que o objetivo do presente texto é compreender o discurso promovido pela *Veja* diante da publicação do relatório Hite, articulando esse interesse da revista ao próprio cenário de produção dessa mídia impressa. Por isso, é relevante atentar ao próprio uso da imprensa como fonte.

Segundo Tânia Regina de Luca (2005), o trato da imprensa na sua conversão a documento e fonte histórica exige certos cuidados que, superficialmente, transformam o impresso em fonte e objeto de pesquisa, na medida em que, ao assumir-se a imprensa como fonte, nesse caso a revista *Veja*, é preciso todo um mapeamento do grupo responsável pela publicação, a identificação dos colaboradores e fontes de receita, a localização do público alvo. A partir dessa perspectiva, o pesquisador não pode eximir-se de lidar com a imprensa sempre como objeto, já que o rigor metodológico que se preceitua na relação entre historiador e fonte supõe o conhecimento amplo do cenário de produção desse documento que está sendo

² “Shere Hite (1942-) se formou em História Americana e Ideologia das Ciências na Flórida e fez doutorado em História na Universidade de Columbia. É autora de diversos livros¹⁷ sobre as mulheres e foi fortemente influenciada pela 2ª onda do movimento feminista nas décadas de 1960 e 1970. Atuou, entre 1972 e 1978, como Diretora do Projeto Feminista de Sexualidade da National Organization for Women (NOW), organização¹⁸ ativista feminista fundada em 1966 com a finalidade de agir pela igualdade de todas as mulheres e pela eliminação da discriminação no trabalho, na escola, no sistema judiciário e em outros setores da sociedade, além de lutar pelos direitos reprodutivos das mulheres e contra quaisquer formas de violência. É neste contexto histórico, especialmente o norte-americano, que se situa a emergência de seus relatórios, pouco tempo posterior às produções clássicas de Betty Friedan (1921-2006) – *Mística Feminina*, em 1963; Shulamith Firestone (1945-) – *A Dialética do Sexo*, em 1970; Germaine Greer (1939-) – *A Mulher Eunuco*, em 1970; Juliet Mitchell (1940-) – *Psicanálise e Feminismo*, em 1974; e Kate Millet (1934-) – *Políticas Sexuais*, em 1970, com suas forças contestatórias, sociais e políticas” (SENA; LAGO; GROSSI. 2010. p. 08).

apropriado à pesquisa. A partir dessa observação, antes de imergir nos discursos promovidos pela revista, cabe breve elucidação sobre a história de *Veja*.

De acordo com Maria Fernanda Lopes de Almeida (2009, p. 23), a revista *Veja* foi fundada por Victor Civita, dono da Editora Abril e Roberto Civita, seu filho, no dia 11 de setembro de 1968, sendo a primeira semanal a trazer o modelo *Time* ao Brasil. Mino Carta, renomado jornalista, foi convidado a encabeçar o projeto e, ainda hoje, é um nome lembrado quando se fala na história da referida revista. Nascida durante a ditadura militar, *Veja* sobreviveu ao período de arbítrio afirmando-se hoje como uma das revistas mais vendidas do país.

Conforme Alexandre Rossato Augusti, foi Mino Carta quem melhor soube lidar com o lado burocrático da censura. Segundo o autor: “Mino Carta soube detectar jornalistas de talento e navegar entre as disputas militares. A cada reportagem, ampliou os limites do que a revista poderia publicar sob a censura” (2005, p. 76)³. Maria Fernanda Lopes de Almeida (2009, p. 139) segue no mesmo sentido ao afirmar, por meio de sua pesquisa em arquivo e, principalmente, através dos relatos orais a que teve acesso, que o corpo de jornalistas estava em um outro nível de produção, que não necessitava da relação direta com o censor, relação esta que era estabelecida por Mino Carta com competência. Entretanto, Anne-Marie Smith (2000, p. 55) destaca que durante esse período a imprensa era organizada verticalmente, tendo os proprietários a posse da última palavra, sendo assim, a autora salienta o poderio de Roberto Civita, herdeiro da Editora Abril, responsável pela publicação da revista *Veja*. Nesses primeiros anos da revista, portanto, o que se tem é uma tentativa de adequar-se a realidade brasileira, visto que, como integrante da grande imprensa, *Veja* dependia da publicidade para seu auto-sustento, publicidade que era, inclusive, em boa parte financiada pelo regime.

Essa breve exposição sobre *Veja* tem como objetivo inserir a revista e sua postura em relação a divulgação do Relatório Hite em um cenário específico e demarcado, em que publicações “indesejadas” poderiam ter conseqüências políticas, financeiras e etc. Entretanto, vale salientar que em 1978 a censura já estava enfraquecida e que novos ares estavam circulando, ares que só serão firmados ao longo da década de 1980, com o fim do regime civil-militar, mas que já nesse primeiro momento permitia algum tipo de liberdade. Isso é discutido por Luciana Rosar Fornazari Klanovicz (2008) em sua tese de doutorado, em que a autora aponta o fim da censura e a redemocratização como processos retomados com freios

³ Mino Carta teria saído da revista em 1975 por discordar dos rumos tomados pelo veículo.

cautelosos ao longo da década de 1980, principalmente no que se refere a questões sobre sexualidade e erotismo. Nesse sentido, o fato de *Veja* divulgar o relatório de Shere Hite com entrevista bastante detalhada demarca uma maior abertura em discussões não muito bem vistas, ao mesmo tempo que a notícia da censura ao livro alguns meses depois, denuncia uma tentativa de retomada de controle, o que sugere um período de contradição e acertos. A divulgação da entrevista, por ocasião da publicação do relatório Hite no Brasil, portanto, em função de seu teor e postura, sinaliza novos tempos, novos contextos, imersos em velhas estruturas.

O Relatório Hite sobre a sexualidade feminina, que ainda hoje conserva em sua capa o aviso: venda proibida para menores de 18 anos; traz relatos de mulheres entre 14 e 78 anos em 3.019 formulários recolhidos, dos 100 mil distribuídos, e está dividido em duas partes: a primeira em que discute o orgasmo e constata que quase 70% das mulheres não o atingem com a penetração vaginal; a segunda em que elabora crítica as percepções de sexo na nossa cultura, cultura essa que reforça a vivência da sexualidade feminina articulada à função reprodutiva das mulheres (HITE, 1992). É em função do seu teor que o relatório alcança grande notoriedade, sendo traduzido em diversos países e chegando ao Brasil depois de 2 anos do seu lançamento.

No dia 24 de maio de 1978, em sua edição de número 507, *Veja* publica a entrevista de Shere Hite intitulada *Contra os favores do homem* e com a chamada: “A visão de uma feminista que procura destruir mitos sobre a vida sexual da mulher”. Após uma explicação detalhada da pesquisa e da própria biografia da escritora, sempre pontuando o envolvimento de Shere Hite com a perspectiva feminista, Judith Patarra⁴ a questiona sobre a situação sexual da mulher na sociedade, sobre o sucesso de seu livro, sobre o tabu que envolve o orgasmo feminino, sobre o relatório Masters e Johnson, sobre a falibilidade da sua pesquisa estatística. Das diversas páginas da entrevista, destaco duas questões levantadas pela jornalista. Na primeira, a entrevistadora ressalta a insegurança das mulheres quanto à normalidade de suas sexualidades.

Veja – Mas as mulheres começam a discutir o assunto com mais liberdade.
O sucesso obtido por seu livro é uma prova do interesse que a sexualidade

⁴ Judith Lieblich Patarra é jornalista e publicou a obra *Iara: reportagem biográfica*, que narra a história de Iara Javelber, militante durante a luta armada no Brasil, publicado em 1992 pela editora Rosa dos Tempos, famosa por publicar inúmeras obras de cunho feminista.

feminina desperta nas pessoas.

Hite – Bem, as mulheres estão começando a conversar umas com as outras, mas isso ainda se faz de modo superficial. E, se começaram a discutir a questão, isso se deve em grande parte à contribuição do movimento feminista. Assim, discutindo suas experiências pessoais, vão descobrindo que não são anormais. Mas ainda estamos longe de uma ampla conscientização a esse respeito (VEJA, Edição 507, p. 4).

Shere Hite, que na época mantinha uma posição assumidamente feminista destaca de início que o sucesso de seu livro está ligado ao movimento feminista que tem contribuído para um maior diálogo sobre sexualidade. A partir de seu relato podemos extrair ainda uma referência aos grupos de consciência, grupos típicos da segunda onda do feminismo em que a troca de experiências era estimulada como forma de criar identificação entre as mulheres. Destaca-se, então, nesse trecho, uma postura bastante franca quanto ao posicionamento político da entrevistada que em momento algum é condenado ou encarado com chacota pela entrevistadora, muito pelo contrário, o que se percebe ao longo das perguntas é o acolhimento das idéias de Shere Hite por parte de Judith Patarra. De acordo com Tito Senna (2010, p. 08), em trabalho dedicado a refletir sobre a representatividade da produção de relatórios sobre a sexualidade humana e a sua configuração na construção da *persona numerabilis*, o trabalho de Shere Hite obteve reconhecimento exatamente pela sua postura feminista em defesa do prazer sexual e orgástico da mulher.

A segunda questão que gostaria de destacar é a que se refere à metodologia de pesquisa empregada por Shere Hite.

Veja – Seu levantamento sobre a sexualidade feminina se baseou em amostra suscetível a críticas do ponto de vista da técnica de pesquisa. Você considera totalmente válidos os resultados?

Hite – Nunca se fez pesquisa sexual com pesquisa estatisticamente perfeita. O motivo é simples: grande número de pessoas se recusaria a responder. Kinsey foi o primeiro e o último a tentar uma investigação em larga escala, considerando-a representativa. Eu não quis fazer um estudo no sentido tradicional. Julgo que adotar a metodologia das ciências exatas no estudo de pessoas, literalmente, uma falha (VEJA, Edição 507, p. 5).

Nesse ponto a pesquisadora é questionada sobre a validade de seus dados numéricos, ao que ela reage afirmando que uma metodologia das ciências exatas é insuficiente para o estudo de pessoas. Na seqüência Shere Hite afirma que foge de um modelo de pesquisa tradicional ao trazer depoimentos das pessoas que responderam ao questionário elaborado

para a efetivação de sua pesquisa, nesse sentido, a autora afirma que: “Todos os pontos de vista estão, portanto, representados em meu livro” (VEJA, Edição 507. p. 5).

Postura semelhante pode ser identificada na pesquisa Gravad de 2006 sobre gravidez na adolescência, em que as pesquisadoras Maria Luiza Heilborn, Estela M.L. Aquino, Daniela Riva Knauth e o pesquisador Michel Bozon (2006, p. 45), buscam abordar sexualidade e reprodução da juventude a partir de uma perspectiva biográfica pretendendo, assim, extrapolar os números com a meta de participar de um *construcionismo light*, em função de reconhecerem a dificuldade de debater questões de sexo e gênero. O que se verifica nessas pesquisas sobre sexualidade é uma tentativa de escapar da frieza dos números que estariam presos a amostragens e que, além disso, seriam criadores de normas como aponta a pesquisa de Tito Sena. Conforme o autor: “As sexualidades *descritivas*, convertendo-se em sexualidades *prescritivas*, tornam-se sexualidades *normalizadas*, sexualidades *verdadeiras*. Portanto, este é o mecanismo estrutural e funcional das sexualidades estatísticas, presentes também nas ciências humanas” (2010, p. 423).

Nesse sentido, a defesa elaborada por Shere Hite acerca das pesquisas quantitativas, ainda é elaborada na contemporaneidade na execução de pesquisas sobre sexualidade, exatamente em resposta as críticas mais simplistas, assim como as críticas mais complexas, como as apontadas pelo pesquisador Tito Sena. Conforme Elizabeth Grosz a sexualidade feminina, em especial, resistiria ao próprio imperativo de ter de mostrar a verdade, resiste ao próprio impulso científico, “... não que ela seja incognoscível, mas ela é irreconhecível através de qualquer discurso ou método particular que, no máximo, derrama algumas luzes em alguns de seus elementos, mas deixa a continuidade do restante desconhecido”(GROZS, 2003, P. 13).

Apenas duas edições depois, a seção de Cartas dos Leitores denuncia a disposição da revista no tratamento a pesquisa de Shere Hite. Das 5 cartas publicadas, apenas uma faz ressalvas à postura de Shere Hite, todas as outras concordam com os argumentos da autora e louvam a entrevista. Em carta vinda de uma leitora da Bahia consta que “todo homem deveria ter conhecimento sobre a sexualidade feminina”. Outra leitora de Minas Gerais espera que “diante das pesquisas de Hite e outros que tentam contribuir, consigamos acabar com todos esses preconceitos que existem”. Um leitor carioca apóia a postura de Shere Hite, mas ressalta que ela “não deveria defender tanto o movimento feminista”. Do Rio Grande do Sul uma leitora sinaliza os predicados extraídos da fala de Shere Hite que deveriam ser de toda mulher:

“inteligência e capacidade de discernimento”. Por último, um leitor do Espírito Santo concede total apoio à pesquisadora, afirmando: “Estou com ela” (VEJA, Edição 509, p. 10).

Dessa passagem da seção de Cartas dos Leitores, em que se supõe total apoio público ao relatório de Shere Hite, o que denotaria uma posição bastante avançada do público brasileiro no que se refere à sexualidade feminina, e, inclusive, ao tema feminismo, visto que na entrevista a autora é apresentada como feminista e ao longo de sua fala, pontua essa questão, ressalto um ponto fundamental: o fato da seção ser filtrada, ou seja, leitores e leitoras não tem acesso a todas as cartas que foram enviadas, muito pelo contrário. O que é publicado é selecionado e neste caso o que se observa é uma seleção que privilegiou posturas favoráveis a Shere Hite. Nesse sentido, a postura de *Veja* não é de crítica negativa ao tema, ou à postura política da entrevistada, mas sim, no mínimo, de aceitação.

Em coluna Literatura de 21 de junho de 1978, pouco depois da publicação da entrevista e das cartas dos leitores, Geraldo Mayrink assina texto intitulado “Desabafando”, em que aponta a autora do Relatório Hite como:

Generosa, Shere Hite dá espaço às lésbicas (8% das entrevistadas) e trata-as apenas como gente. Ideóloga, sustenta que não existe nenhum órgão elaborado especificamente pela natureza para ocupar a área clitoral. Orgulhosa, afirma que o tamanho total da intumescência feminina não é menor do que o tamanho do pênis ereto. Realista, demonstra que a pílula e a ‘revolução sexual’ não passam de truques para induzir a mulher a ter mais vida sexual. (VEJA, Edição 511, p. 124)

Geraldo Mayrink, jornalista responsável por colunas de literatura e cinema, resguarda comentários pacíficos e bem comportados ao livro de Shere Hite. Não se aventura como Millôr Fernandes a criticar sua postura feminista. Novamente, o caráter feminista e transgressor do trabalho da pesquisadora é respeitado e divulgado pela revista.

Fugindo do cenário apaziguador entre a revista *Veja* e o tema feminismo e sexualidade, a edição de número 520 de 23 de agosto de 1978, traz na seção Brasil coluna não assinada intitulada “Treva Pura”, em que é narrado o tratamento dado pela Polícia Federal ao livro Relatório Hite.

A treva lavrou mais alguns tentos na semana que passou. Primeiro foi a apreensão decretada pelo Ministério da Justiça, do livro “Relatório Hite”, estudo sobre o comportamento sexual de 3000 mil mulheres americanas feito pela pesquisadora Shere Hite. É possível que as conclusões do estudo

tenham equívocos graves ou, mesmo, que sejam viciadas por falhas insanáveis de método. Mas de modo algum podem ser consideradas pornográficas – portanto, não atentam contra a moral e os bons costumes - e muito menos tipificam ameaças a segurança nacional. E o ministro Armando Falcão, que assinou o decreto? O ministro, naturalmente, nada teve a declarar (VEJA, Edição 520, p. 34).

O título do texto faz nítida referência ao período em que a censura atuava fortemente para referir-se a apreensão do livro de Shere Hite, até então festejado, não só pelo público que o manteve por longo período na lista dos mais vendidos na categoria não-ficção, mas também pela crítica, como demonstra Geraldo Mayrink, assim como pela própria *Veja* que concede respeitoso espaço a sua divulgação. Sob ordens de Armando Falcão, que foi um dos articuladores do golpe de 1964, o livro é recolhido por atentar à moral e os bons costumes. A referência à ameaça a segurança nacional é nitidamente uma provocação ao longo período de arbítrio em que as mais variadas publicações, peças de teatro, filmes e notícias eram censuradas por serem consideradas um risco à segurança nacional, ou seja, ao governo. Essa última notícia pontua a contradição vivida pelo regime político brasileiro e destacada anteriormente. Enquanto havia uma tentativa de fuga de censura, conviviam-se também com um duplo momento, em que a censura era por vezes resgatada.

Esse texto tinha como objetivo refletir sobre a repercussão da publicação do *Relatório Hite sobre sexualidade feminina* no Brasil, em função do conturbado cenário vivido pelo país de emergência de um feminismo com caráter “nacional” paralelo a uma ditadura civil-militar que já vinha enfraquecendo-se, mas que ainda fazia-se presente. Nessa empreitada explorei a revista *Veja* como fonte em que foi observada postura bastante positiva em relação à publicação do relatório, ao contrário do que olhares desavisados poderiam esperar. Ao longo dessa reflexão o que pode ser destacado ainda é a fase transitória pela qual estava passando o regime, em função do enfraquecimento da censura no sentido legal, mas da contínua tentativa de controle exercida pelas autoridades, o que pode ser constatado pelo relato da censura trazido pela última notícia de *Veja*. É interessante observar a demarcação de um cenário internacional e também nacional na simples cobertura da publicação de um relatório, visto que o Relatório Hite não só denuncia os avanços do feminismo norte-americano, como demarca o engajamento feminista que estava em desenvolvimento no Brasil, e ainda sua fase complexa de convivência com a censura.

Fontes

- Revista Veja. Entrevista com Shere Hite. Contra os favores do homem. 24 de maio de 1978. Edição 507.
- Revista Veja. Cartas. 07 de junho de 1978. Edição 509.
- Revista Veja. Literatura - Geraldo Mayrink, Desabafando. 21 de junho de 1978. Edição 511.
- Revista Veja. Brasil. Treva Pura. 23 de agosto de 1978. Edição 520.

Referências

- ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. *Veja sob censura: 1968-1976*. São Paulo, Jaboticaba, 2009.
- ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacquelyni. *O que é feminismo*. São Paulo, Brasiliense: 2006.
- AUGUSTI, Alexandre Rossato. *Jornalismo e Comportamento: os valores presentes no discurso da revista *Veja**. Mestrado em Comunicação e Informação. Programação de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- BOZON, Michel. Las encuestas cuantitativas em comportamientos sexuales: emprendimientos sociales y políticos, productos culturales, instrumentos científicos. In: *Revista Latinoamericana: Sexualidad, Salude y Sociedad*. N. 3 – 2009 – PP. 154-170.
- GROSZ, Elizabeth. O futuro da sexualidade feminina: o acontecimento da diferença sexual. *Labrys*, n.4, agosto/setembro 2003.
- HELBORN, Maria Luiza [et al]. *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.
- HITE, Shere. *O Relatório Hite – Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina*. Editora Difel, 21ª edição. São Paulo, 1992.
- KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. Tese de Doutorado. *Erotismo na cultura dos anos 80: censura e televisão na revista *Veja**. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. – UFSC - 2008.

LUCA, Tânia Andrade de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PEDRO, Joana Maria. Os Feminismos e os Muros de 1968 no Cone Sul. Clio - Série Revista de Pesquisa Histórica - N. 26-1, 2008, p. 62.

SENA, Tito; LAGO, Mara Coelho Souza; GROSSI, Miriam Pillar. Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: sexualidades, estatísticas e normalidades configurando a Persona Numerabilis. In: GROSSI, Miriam Pillar; LAGO, Mara Coelho Souza; NUERNBERG, Adriano (Orgs). Estudos in(ter)disciplinados: genero, feminismo, sexualidade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. p. 08. Disponível em: http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/tito_sena.pdf Acesso em: 15 de maio de 2011.

SMITH, Anne Marie. Um acordo Forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2000.